

Avaliação dos atos de depredação e suas motivações no IFPB – *Campus* João Pessoa. Muito além de uma questão educacional

Raissa de Melo Vieira^[1], Leiliane S. de Moraes^[2], Joyce Alves da S. Barbosa^[3], Claubert Lucian da Silva Maia^[4], Arilde Franco Alves^[5]

[1] raissa-de-melo@hotmail.com; autora para correspondência, ex-Bolsista do Projeto, Técnica em Controle Ambiental, Graduanda em Engenharia Ambiental – UFPB. [2] leili.morais@hotmail.com; Colaboradora do Projeto, Técnica em Controle Ambiental, Graduanda em Engenharia Ambiental – UFPB. [3] joyce_alvesbrb@hotmail.com; ex-Bolsista do Projeto, Curso Técnico em Eletrotécnica – IFPB. [4] claubert_lucian@hotmail.com; Colaborador do Projeto, Técnico em Controle Ambiental, Graduando em Engenharia Química – UFPB. [5] francalves11@gmail.com – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB – *Campus* João Pessoa.

RESUMO

Rabiscos nas carteiras escolares e nas paredes das salas de aula, entre tantos outros atos de depredação, são situações [até] corriqueiras, que representam um grande problema de conscientização educacional. Muitas dessas descrições [pichações] estão associadas ao imaginário pejorativo, denotando enorme poluição visual. No sentido de verificar a amplitude dessa problemática, realizou-se uma pesquisa no espaço escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* João Pessoa, no tocante a atos de depredação e falta de consciência ambiental, envolvendo alunos, com apoio dos servidores, especialmente aqueles que executam os serviços de limpeza e manutenção do patrimônio da Instituição. Nessa pesquisa também se desenvolveram algumas atividades educativas, como palestra, oficina de grafiteagem e cartazes de conscientização. Esses resultados foram comparados com a situação escolar numa escola da rede pública municipal. Os resultados revelaram falta de consciência com aquilo que é público, bem como falta do senso de qualidade de vida, através do bom aspecto visual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Depredação. Pichações. Poluição visual. Conscientização educacional.

ABSTRACT

Scratches on desks and walls of classrooms, among many other acts of depredation are situations [even] unexceptional, which represent a major problem of educational awareness. Many of these descriptions [graffiti] are associated with the pejorative imaginary, denoting huge visual pollution. In order to establish the extent of this problem, we carried out a survey in the school's Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba (IFPB) – Campus João Pessoa, in respect of acts of vandalism and lack of environmental awareness, involving students with support of servers, especially those that perform cleaning services and maintenance of the heritage of the institution. This research also developed some educational activities, such as lecture, graffiti workshop and awareness posters. These results were compared with the situation in a school of municipal public educational system. The results revealed a lack of awareness to what are public, as well as a lack of sense of quality of life through good visual appearance in the school environment.

Keywords: *Depredation. Graffiti. Visual pollution. Educational awareness.*

1 Introdução

Rabiscos nas mesas da biblioteca, nas carteiras escolares e nas paredes das salas de aula, a quebra de espelhos nos banheiros, a fixação de papel higiênico molhado nas paredes, o uso de tintas na recepção dos calouros, entre tantos outros atos de depredação do patrimônio escolar, são situações [até] corriqueiras e que representam um grande problema de conscientização educacional.

Além disso, muitas dessas descrições [pichações] estão associadas ao imaginário pejorativo, denotando enorme poluição visual. Com isso, faz-se necessário tentar desvendar as mensagens escondidas nos atos de violência contra o patrimônio escolar, que podem ter vários significados: desde a necessidade de chamar atenção, de exibir-se para os colegas, expressar revolta ou até mesmo querer deixar sua marca no mundo (DAY, 1996), uma vez que os que cometem tais atos estão colocando para fora alguma rebeldia, seja ela contra o governo, os pais, a sociedade, a escola ou contra alguém indefinidamente.

Este trabalho é, portanto, o resultado de um projeto de pesquisa que teve como um dos objetivos caracterizar essa situação de poluição visual no interior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* João Pessoa, no tocante a atos de depredação e falta de consciência ambiental, expressada no uso excessivo de cartazes.

Para tanto, foram realizadas diversas atividades de pesquisa¹, que envolveram toda a comunidade escolar (alunos dos Cursos Técnicos Integrados e servidores, em especial aqueles que executam os serviços de limpeza e manutenção do patrimônio da Instituição), através da elaboração de questionários, da criação de um blog de mobilização em torno da conscientização e exposições de fotos, bem como a realização de palestras e oficina de grafiteagem educativa, no sentido de melhorar o visual ambiental do espaço escolar.

Assim, o presente artigo está estruturado nas seguintes seções: primeiro, um sintético apanhado teórico em relação a essa problemática educativo-ambiental relacionada com a depredação, quando se apresenta, também, a seguir, os objetivos e as justificativas da necessidade de uma mudança de atitudes no espaço escolar; depois, a metodologia

aplicada nesse processo investigatório interativo; na sequência, um levantamento inicial realizado sobre a problemática, tanto no âmbito do IFPB como noutra escola pesquisada, sobre a qual se buscou fazer algumas observações qualificáveis importantes; por fim, uma análise dos dados e observações, especialmente as de cunho comportamental, sobretudo após a realização das atividades de oficina de grafiteagem educativa e de cartazes de conscientização, encerradas com uma avaliação que permitiu-nos apontar algumas recomendações importantes desse processo educativo e comportamental.

2 Revendo algumas questões que envolvem a depredação do espaço escolar

A instrução educacional sempre foi concebida como um dos maiores pilares na formação da sociedade. Uma das finalidades da Educação previstas pela LDB² é o preparo para o exercício da cidadania.

Segundo Souza (2003) este processo só é possível se dentro do ambiente escolar forem desenvolvidas práticas que levem os indivíduos a promover ações de solidariedade, respeito mútuo, ética, responsabilidade social, cooperação e consciência ambiental.

Para esse autor, a escola “é sempre um subsistema do Mundo Social e deve representar certamente os anseios e desejos da comunidade que a ela busca”. Além disso, sabemos que as escolas têm sido, contemporaneamente, o ambiente onde a maioria das pessoas passa boa parte do tempo de suas vidas, pelo menos da infância até o final da adolescência. É, pois, nesse espaço que emergem oportunidades para o desenvolvimento do conhecimento e a formação intelectual. E é desse espaço que emanam atitudes cidadãs.

Nesse sentido, a escola deve, necessariamente, promover oportunidades de desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização dos bens patrimoniais do ambiente escolar, dadas através de um processo de conscientização acerca da importância da preservação dos elementos (materiais) que compõem o espaço escolar. Ou seja, que a escola promova discussões acerca da importância do patrimônio que pertence a todos. Mas isso não é o que muitas vezes ocorre, pois a escola torna-se o alvo principal

1 Do tipo Pesquisa-Ação. Ver mais sobre essa metodologia em TIOLLENT, 1985.

2 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

de atitudes de vandalismo e depredação, na maioria das vezes pelos próprios usuários – os alunos, que agridem o meio ambiente e, conseqüentemente, o bem-estar das pessoas.

Por se tratar de um espaço público ou “coisa pública”, utilizando as palavras de Oliveira & Camillo (2009) quando sustentam que “a escola, no Brasil apresenta um quadro de desgaste e depredação que a afeta e que acarreta despesas [...] desnecessárias ao erário”, sem deixarmos de considerar a questão da poluição visual, quando o problema são as pichações, devemos compreender a questão como uma problemática educacional.

Neste cenário, referimo-nos à depredação que pode estar relacionada ao ato de uniformização do comportamento das pessoas. Salientamos, ainda, que a depredação no seu significado *stricto sensu* surge quiçá como uma forma de contestação aos modos pelos quais essa uniformização se expressa, notadamente a vigilância e a punição (GUIMARÃES, 1987, p. 71).

Para tentar minimizar essa situação é importante lembrarmos-nos das considerações de Guimarães (1987), em sua obra *Vigilância, Punição e Depredação Escolar*, de que a escola reage, ao afirmar que “[...] a resposta da escola vem com investimentos em vigilância, construção e ampliação de muros e de serviços de segurança, inclusive através de rondas policiais”.

Nesse contexto, a vigilância se apresenta como forma normatizadora de condutas qualificáveis das pessoas, uma espécie de enquadramento a padrões. Para essa autora, a vigilância é

O suporte básico para o funcionamento dessas práticas políticas disciplinares, por esse motivo ela está inserida na prática do ensino, transformando a escola num ‘observatório político’, ou seja, num local onde se pode ter conhecimento de todos os indivíduos, possibilitando classificar, qualificar, punir e normatizar todas as pessoas inseridas no ambiente escolar. (GUIMARÃES, 1987, p. 72).

Nossa pesquisa partiu do entendimento de que a escola é o espaço ideal para uma prática de valorização e defesa do patrimônio, pois tem todas as condições para uma atitude que será sempre

satisfatória para um processo de defesa dos bens ambientais, dos ambientes de cultura e dos marcos das histórias dos homens em sua luta cotidiana. Ou, como defende Souza (op. cit.), ao externar que a escola deva desenvolver práticas pedagógicas voltadas para o reconhecimento dos bens patrimoniais e de sua valorização ativa e consciente:

No ambiente escolar é importante realizar atividades que envolvam toda a sua comunidade em defesa do patrimônio e na luta pela valorização dos bens que cercam os membros do espaço intra e extra-escolar. É vital que cada indivíduo que faz parte da escola seja um agente ativo na proposta de preservação e/ou valorização dos bens patrimoniais da sociedade. O espaço escolar abre oportunidades para uma atitude que tenha como ponto de partida a união entre a escola e os anseios de sua comunidade promovendo um processo de trocas e de construção ativa da cidadania. (SOUZA, 2011).

3 A depredação e a poluição visual: uma questão de mudança de atitudes

Sabemos que as depredações e as pichações apresentam muitas conotações, geralmente pejorativas, associando-se à poluição visual urbana e ao vandalismo. Além de danificar economicamente os objetos atingidos, esses atos trazem desastrosas conseqüências ao ambiente, à estética e paisagismo urbanos.

A pichação é tida como um dos principais problemas causadores de poluição visual nas escolas, impactando o ambiente e destoando totalmente dos propósitos maiores da escola – o da educação para a cidadania, que, também, inclui todas as questões ambientais.

No Brasil, a pichação é considerada vandalismo e crime ambiental, nos termos do art. 65 da Lei 9.605/98³. Assim, como crime ambiental, a solução para o problema através da punição fundamenta a concepção de que as mesmas são delitos graves contra o bem-estar ambiental e a boa qualidade de vida.

Por isso, atitudes depredatórias são consideradas um modo de expressão que tem como objetivo a destruição de determinadas regras sociais e culturas

3 Lei dos Crimes Ambientais, de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.

patrimoniais. Por isso, a avaliação destes atos de depredação possibilita minimizar estes atos, através do entendimento das causas que levaram a essas atitudes e o comprometimento das partes envolvidas.

A depredação é, geralmente, o caminho trilhado por jovens que não encontram outra forma de canalizar sua energia e agressividade. Há vários exemplos de agressividade, dentre os quais aqueles expressados através de atos de vandalismo, mas que, também, podem despertar outro lado. Referimo-nos ao potencial artístico que, muitas vezes, está oculto nesses jovens. Por isso, bastam oportunidades e espaços apropriados para aflorarem tais potencialidades, muito importantes no processo de diminuição de atos de depredação no interior das escolas.

Com isso, o objetivo foi o de levantar dados a respeito da situação da degradação visual causada por atos de depredação nos espaços físicos e instalações do IFPB, bem como propor soluções à comunidade escolar no sentido de uma mudança de atitudes e de uma melhoria do bem-estar social.

Este objetivo desdobrou-se em outros mais específicos, como: identificar as origens, causas e opiniões a respeito da problemática da poluição visual e da depredação do espaço escolar; mobilizar a comunidade escolar, no sentido do despertar para o enfrentamento dessa contestável realidade comportamental, por meio da exposição de fotos dos ambientes que exemplifiquem a situação estudada; manter os alunos atualizados sobre a situação ambiental [visual] do IFPB e de outras escolas da cidade, através de um blog⁴; investigar as possíveis explicações para tais ocorrências, demonstradas pela execução de experimentos psicopedagógicos; dinamizar o processo ensino-aprendizagem da problemática, através de palestras com especialistas da área de conduta escolar, educação ambiental e habilidades artísticas educativas.

4 Apontamentos metodológicos

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, os dados necessários para que se pudesse detectar um panorama geral [do aspecto visual] foram adquiridos por meio de questionário aplicado junto aos alunos, quando eles opinaram sobre as possíveis causas e sugestões de soluções a respeito do assunto poluição

visual e depredação patrimonial. Assim, foi levantada uma amostragem com cinco alunos de cada turma dos Cursos Técnicos Integrados, totalizando um universo de 140 entrevistados⁵.

Além disso, a interação dos pesquisadores com os alunos, também, foi feita a partir da criação do blog, onde eles puderam estar constantemente atualizados sobre as novidades da pesquisa, bem como postando sugestões e ideias em busca de melhorias das condições visuais do ambiente patrimonial escolar. Nesse sentido, a investigação assumiu um caráter de Pesquisa-Ação, quando a equipe de pesquisadores interagiu com o universo de sujeitos analisados (TIOLENT, 1985).

Em face do caráter visual percebido durante a pesquisa, também, foram postadas nesse blog fotos mostrando a realidade visual impactante de vários espaços do IFPB, bem como a situação de degradação que causam desconforto e mal-estar. Como alternativas às atitudes de vandalismo, propusemos, por exemplo, a disponibilização de blocos de rascunho nas mesas da biblioteca; quadros de aviso, nos quais o aluno pudesse expressar o que escreveria nas paredes e nos banheiros.

Ademais, no sentido de, inicialmente, minimizar a problemática da poluição visual dos espaços acadêmicos no IFPB, foram, também, realizadas palestra e oficina de grafiteagem, nas quais os interessados puderam externalizar atos pela justiça social, igualdade de gênero, proteção do meio ambiente, etc., estimulando, assim, a melhoria visual dos espaços acadêmicos. Isso veio despertar em toda a comunidade o interesse em prosseguir contribuindo para a conservação da Instituição.

Por fim, todo esse trabalho de pesquisa e interação com o público envolvido (a comunidade acadêmica) teve duração de aproximadamente 11 meses, a partir da aprovação do projeto, contando com o apoio da Direção-Geral do IFPB – *Campus* João Pessoa, que intermediou a disponibilização do espaço para a atividade educativa conscientizadora – palestra/oficina educativa de grafiteagem – em relação à importância da preservação do patrimônio e do ambiente visual no espaço escolar.

4 Disponível em: www.vandalismonasescolas.wordpress.com

5 No IFPB – *Campus* João Pessoa há 6 (seis) Cursos Técnicos Integrados (Edificações, Mecânica, Eletrotécnica, Eletrônica, Instrumento Musical e Controle Ambiental), totalizando 28 turmas.

5 O que encontramos no espaço escolar analisado

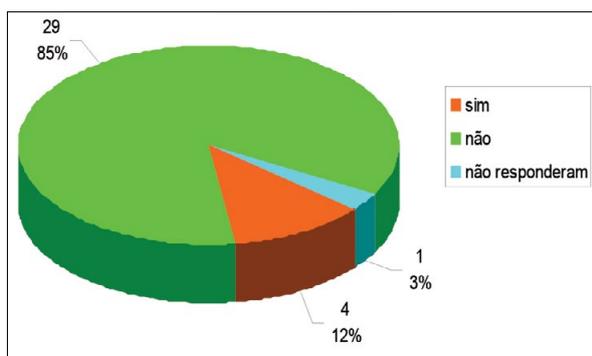
O primeiro levantamento, realizado junto a alunos do Ensino Básico e Fundamental de outra instituição de ensino⁶, teve como premissa basilar a possibilidade de fazermos algumas comparações, já que, mesmo sendo públicas, são esferas distintas. Assim, foram entrevistados 34 alunos das séries do Ensino Básico.

As questões levantadas foram: Praticou depredação? Quais os motivos para as pessoas depredarem? Caso houvesse espaço para expressar atitudes artísticas ou de manifestação de contestação, mudaria o problema da depredação/vandalismo? Quais são os mais prejudicados com a depredação? Que postura tomaria presente um ato de depredação? Vê necessária a punição para os atos de depredação? Apoiaria algum tipo de mobilização contra atos de vandalismo/depredação?

Os resultados, representados através do Gráfico 1 apresentado a seguir, apontaram que 85% dos alunos já praticaram algum tipo de atitude de depredação no interior da escola.

Esse é um dado bastante preocupante, corroborando com as observações de Guimarães (1987), quando a uniformização é a tônica de uma desigual sociedade.

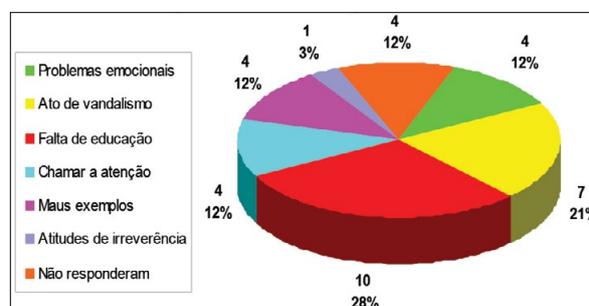
Gráfico 1 – A depredação ou atos de vandalismo no interior da escola.



Em relação aos motivos que os levaram a praticar algum tipo de depredação no interior da escola,

o Gráfico 2 a seguir demonstra que quase 30% dos estudantes entrevistados reconheceram neles próprios, como atitudes de falta de educação, verdadeiramente uma falta de consciência individual e coletiva em relação à importância de preservar o patrimônio público. Além disso, mais de 20% responderam que se trata de desvios de conduta individuais, puro ato de vandalismo. Outras causas, em menor percentual, foram apontadas, como: problemas emocionais, maus exemplos, atitudes de irreverência, atos para chamar a atenção.

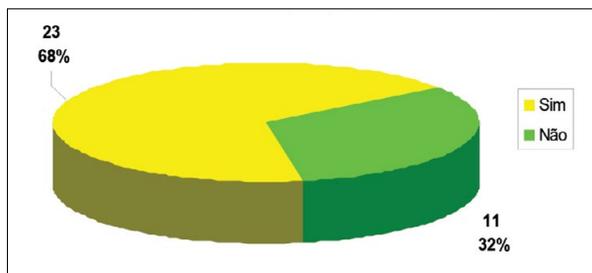
Gráfico 2 – Motivos da depredação ou atos de vandalismo do espaço escolar.



Quando a questão partiu dos motivos apontados por esses alunos entrevistados, sobretudo daqueles relacionados a atitudes de irreverência, perguntou-se se, caso houvesse um espaço para alguma manifestação de contestação, estariam dispostos a mudar as atitudes depredatórias ou vândalas por manifestações com um tom artístico ou cultural, minimizando assim a própria poluição visual resultante dos atos de depredação ou vandalismo, como as pichações pejorativas. Como resultado, o Gráfico 3 a seguir aponta que quase 70% se mostraram dispostos a essa oportunidade de mudança do cenário, pela qual passam as instituições públicas no que se refere ao aspecto visual do patrimônio.

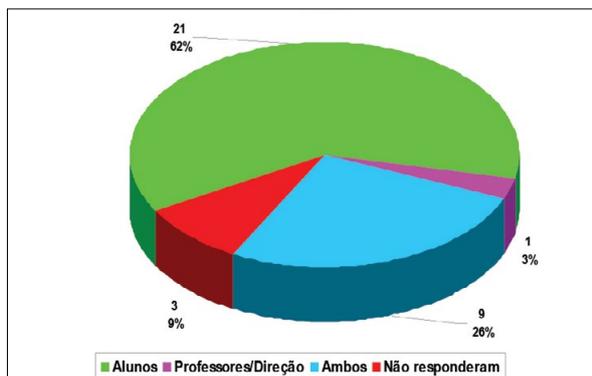
6 Escola Municipal Oscar de Castro, João Pessoa-PB.

Gráfico 3 – Oportunidades de expressão de atitudes artístico-culturais em relação à depredação ou atos de vandalismo no espaço escolar.



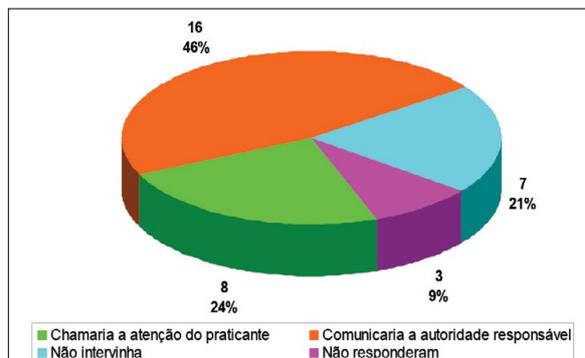
Na sequência, buscou-se saber em relação aos prejuízos decorrentes das atitudes de depredação no interior das escolas, especialmente daquelas praticadas pelos próprios alunos usuários do espaço escolar. Como respostas, o Gráfico 4 a seguir indica que, na opinião de mais de 60% dos entrevistados, os maiores prejudicados são os próprios alunos, que passam a ter equipamentos danificados, instalações depredadas, sem levar em conta o péssimo aspecto visual, que influencia diretamente no bem-estar dos alunos em processo de aprendizagem.

Gráfico 4 – Os prejuízos decorrentes da depredação ou vandalismo no espaço escolar.



Por fim, quando a questão enveredou na direção de alguma medida coibitiva frente a essas atitudes de depredação, o Gráfico 5 demonstra que quase 50% dos entrevistados disseram que, caso tomassem conhecimento de atos dessa natureza, comunicariam as autoridades educacionais, aqui entendidas como direção, coordenação pedagógica ou qualquer outro funcionário da escola. Significativo número de entrevistados (quase 25%) disseram que agiriam por conta própria, chamando a atenção dos autores para não praticarem atos de vandalismo no espaço escolar.

Gráfico 5 – Atitude pessoal frente a um ato de depredação ou vandalismo no espaço escolar.



Concomitantes a esse levantamento, realizaram-se internamente no IFPB – palco principal de nossa pesquisa – inúmeros contatos com alunos, observando-se sua postura quando o assunto era a questão da depredação do ambiente escolar e os reflexos disso na estrutura da Instituição e no aspecto da poluição visual.

Nessa fase da pesquisa, também ocorreu a estruturação de um blog voltado a fomentar uma discussão interna, especialmente entre os alunos dos Cursos Técnicos Integrados.

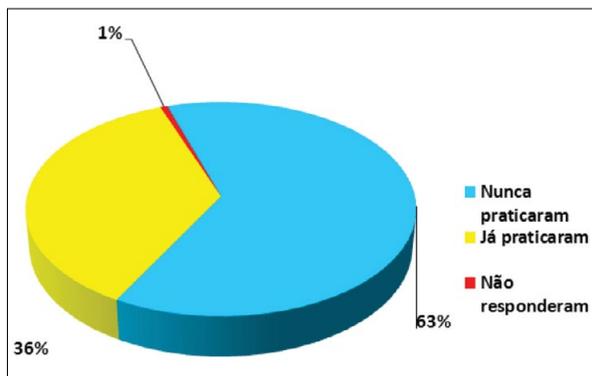
Além disso, metodologicamente, fez-se uma ampla divulgação da pesquisa entre as turmas de alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IFPB – *Campus João Pessoa*, momento em que despertou o interesse por essa problemática educacional.

Nessa etapa, contou-se com o apoio do Departamento de Ensino, que disponibilizou espaço para que a equipe de pesquisadores interagisse com esse público-alvo, momento em que passaram a aplicar uma enquete entre os alunos, na mesma lógica de questões abordadas entre os pesquisados da outra escola, na perspectiva de uma análise comparativa, referente à amplitude e às causas da depredação no espaço escolar.

Assim, nesse segundo levantamento, numa amostragem de cinco alunos por turma, a primeira questão foi se já haviam praticado algum tipo de ato depredatório do patrimônio escolar.

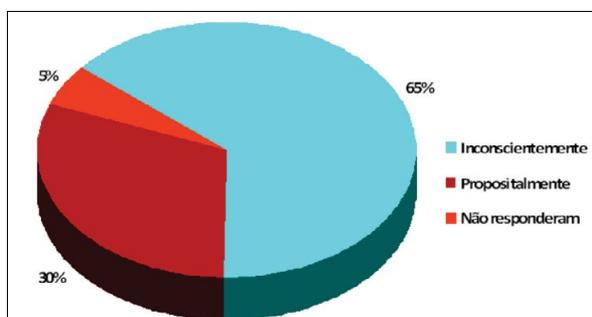
No Gráfico 6 a seguir, as respostas apontam que mais de 60% dos entrevistados jamais haviam praticado algum ato que prejudicasse o ambiente físico escolar. No entanto, quase 40% dos entrevistados confessaram que em algum momento já havia realizado algum tipo de dano ao patrimônio escolar.

Gráfico 6 – A depredação ou o vandalismo no espaço escolar do IFPB.



Mas quando a questão foi em relação à forma desse ato de depredação, levada a termo entre os que haviam confidenciado ter realizado algum ato de dano patrimonial, o Gráfico 7 revela-nos que dois terços o praticaram de maneira inconsciente e, praticamente, o terço restante diz ter realizado de forma proposital, sem, necessariamente, justificar tais propósitos que os levaram a praticar atos de vandalismo no espaço escolar.

Gráfico 7– Característica das atitudes (de depredação ou vandalismo) no espaço escolar do IFPB.

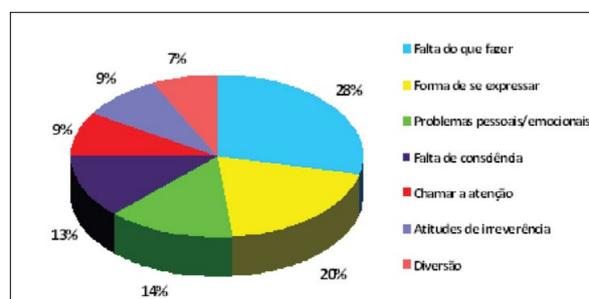


De maneira semelhante ao questionário realizado na outra escola, que interrogou sobre os motivos que levaram os entrevistados a praticar algum tipo de depredação na escola, o Gráfico 8 demonstra, na sequência, que mais de 25% dos entrevistados não conseguiram apontar exatamente o motivo, pois a maioria desses denominou ‘esse motivo’ como sendo o que chamaram vulgarmente de “falta do que fazer”, referindo-se ao ato praticado como sendo, de fato, uma falta de consciência em relação ao valor de uso do patrimônio coletivo.

Em patamares menores, outros motivos para a ocorrência de atitudes de depredação foram apontados, como: problemas pessoais/emocionais dos praticantes, falta de consciência, chamar atenção e até motivos fúteis, denominados por eles “diversão”.

Entendemos com esses resultados que a variedade de motivos apresentados não dá, por si só, uma total dimensão do problema, que tem outras causas que serão apontadas mais adiante.

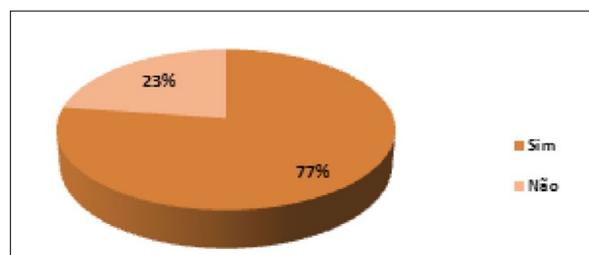
Gráfico 8 – Motivos da depredação ou vandalismo no espaço escolar



Da mesma forma que foi feito o levantamento na outra escola, partindo dos motivos apontados pelos alunos entrevistados, sobretudo daqueles motivos relacionados a atitudes de irreverência e/ou para chamar atenção, internamente no IFPB, questionou-se: caso houvesse um apropriado espaço para alguma manifestação de contestação ou irreverência, estariam dispostos a mudar as atitudes de depredação por atos num tom artístico-cultural, minimizando assim a própria poluição visual com os atos de vandalismo como as pichações pejorativas?

Como resultado, o Gráfico 9 a seguir aponta que quase 80% se mostraram dispostos a essa oportunidade de mudança do cenário pela qual passam as instituições públicas, no que se refere ao aspecto visual do patrimônio.

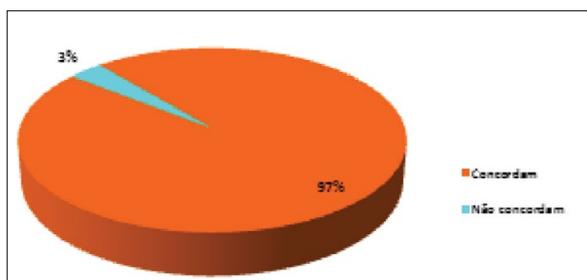
Gráfico 9 – Oportunidades de expressão no espaço escolar do IFPB.



E em relação aos prejuízos materiais decorrentes das atitudes de depredação no interior das escolas, especialmente daquelas praticadas pelos próprios usuários do espaço escolar, os dados colhidos no interior do IFPB revelaram, majoritariamente, que os mais prejudicados são os próprios alunos, que ficam sem os equipamentos/espacos depredados, sem uma posterior condição de uso didático, sem deixar de considerar o péssimo aspecto visual apresentado pelo espaço escolar poluído ou danificado.

Nesse sentido, podemos ver no Gráfico 10 a seguir essa percepção dos alunos. Mesmo assim, constatamos, através de fotos que foram postadas no blog, que há muitos equipamentos depredados, com conseqüente carência de alguns em determinados espaços de aprendizagem.

Gráfico 10 – Prejuízos com a depredação do espaço escolar do IFPB – *Campus João Pessoa*.

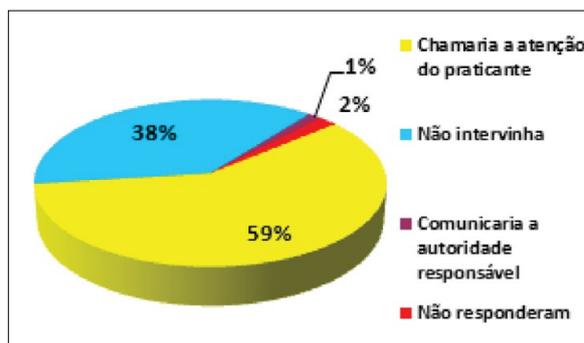


Nas questões seguintes rumou-se na direção de verificar, entre os entrevistados, qual a opinião em relação a alguma medida coibitiva frente a essas atitudes de depredação e poluição visual.

No Gráfico 11 buscou-se saber qual seria a postura do entrevistado quando presenciasse algum colega praticando alguma atitude danosa ao patrimônio, independente dos motivos que estariam embutidos nesse ato.

As respostas apontaram que quase 2/3 dos entrevistados tomariam a atitude de chamar a atenção, contra mais de 1/3 que não faria qualquer intervenção na atitude do colega. Isso demonstra uma desuniforme consciência coletiva.

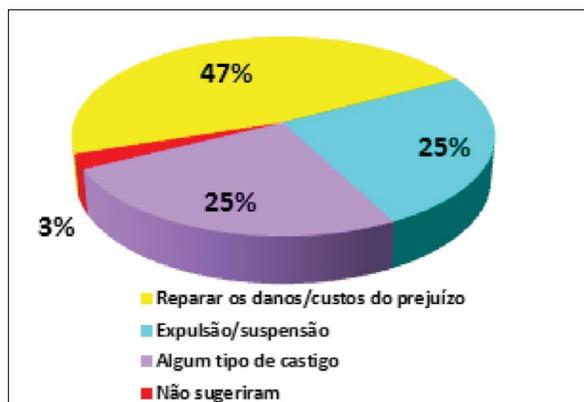
Gráfico 11 – Postura frente a uma atitude de depredação do espaço escolar.



Porém, no Gráfico 12, como desdobramento da primeira questão, em que a maioria apontou a disposição de alguma iniciativa de intervenção, assim como a aplicação de algum tipo de punição, se buscou saber qual ou quais seriam os tipos de medidas coibitivas ou punitivas aos praticantes de algum ato depredativo ou vândalo no espaço escolar.

Como respostas, quase 50% dos entrevistados disseram que a melhor medida seria cobrar do praticante a reparação do dano, enquanto a outra metade respondeu que o melhor seria excluir esses vândalos da escola ou algum tipo de castigo administrativo. Ambas as respostas tiveram um viés punitivo, e merecem ser mais bem discutidas enquanto práticas minimizantes do problema educacional.

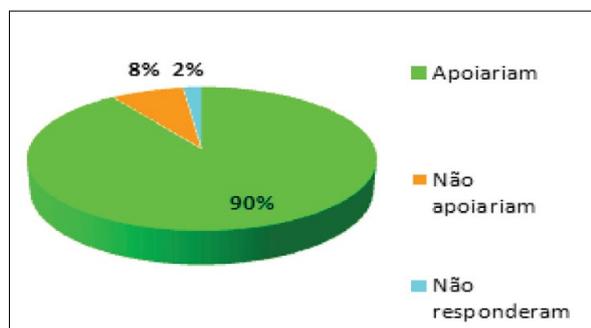
Gráfico 12 – Formas de coibir as atitudes de depredação do espaço escolar.



Por fim, quando abordamos a real possibilidade de alcançarmos ao conjunto dos entrevistados uma mobilização e/ou alguma atividade interativa que viesse motivar, positivamente, para o desenvolvimento de uma consciência coletiva, mostrando a importância de se preservar o espaço escolar, não somente no aspecto valorativo do patrimônio, mas no aspecto do bem-estar visual desse ambiente educacional, a grande maioria manifestou total apoio à iniciativa.

Isso veio consolidar um dos nossos objetivos – o de dinamizar o processo ensino-aprendizagem e de conscientização, através de palestras com especialistas da área de conduta escolar, educação ambiental e habilidades artísticas educativas. Referimo-nos, portanto, à realização da atividade palestra/oficina de grafiteagem educativa nos muros da escola, chamando atenção para a conservação do patrimônio escolar.

Gráfico 13 – Atitudes de enfrentamento do problema da depredação do espaço escolar.



6 Para concluir nossa avaliação

O primeiro aprendizado da equipe de alunos pesquisadores nesse processo investigatório a que se propuseram foi no tocante à metodologia de coleta dos dados, uma vez que puderam exercitar as diferentes formas de abordagem dos entrevistados. Essa consideração se ampara no fato de que o levantamento dos dados ocorreu em dois espaços distintos, com públicos de diferentes categorias sociais. O segundo aprendizado foi quanto à interatividade entre os sujeitos da pesquisa (alunos e servidores), que deram muitas sugestões para minimizar a questão da poluição visual e, sobretudo, da depredação do patrimônio público no espaço escolar.

Com base nessas duas relevantes questões anteriormente levantadas, a pesquisa serviu, além de ferramenta de sondagem da situação – depredação e

suas motivações, como alerta para um problema que é geral no espaço escolar, já amplamente estudado e debatido por outros estudiosos dessa temática comportamental. Nesse sentido, a utilização do blog, além daquelas garantidas nos questionários semi-dirigidos, permitiu verificar outras causas do problema.

A utilização da metodologia da grafiteagem, como forma de veiculação das mensagens e objetivos a que o Projeto de Pesquisa estava se propondo, surtiu efeito, na medida em que se buscou a desmistificação de que a grafiteagem enquanto expressão tem sua valia quando alerta algo, levanta questões sociais (saúde, educação, meio ambiente, cidadania, etc.), ao invés daquelas conotações pejorativas e/ou depredativas no aspecto visual.

No aspecto dos resultados, nos dois locais onde se realizou a coleta de dados, demonstrados anteriormente através dos gráficos e ilustrações, ficou evidente que as justificativas para aqueles atos de vandalismo e/ou depredação têm muitas motivações, muitas das quais enraizadas nas condutas familiares, as quais fogem ao alcance das metodologias pedagógicas das escolas, por meio de métodos que se poderia chamar “vigiar e punir”. Ou, como demonstramos no próprio título do projeto, vão além de uma questão educacional bancária. Isto é, trata-se de uma educação que advém da família.

Verificamos, ainda, que essa problemática poderia ser mais bem explorada positivamente com um espaço escolar mais dinâmico, que retratasse melhor a realidade que estes estudantes vivem (sua família, sua comunidade, suas angústias socioeconômicas, temas sociais emergentes, etc.), no sentido de uma melhor aproximação da escola enquanto espaço de formação e informação, mas como espaço de vida social, onde as criatividade e anseios podem ser externalizados e não manifestados pejorativamente/degradantemente.

Portanto, a escola deve oportunizar espaços para a manifestação da arte, revelando-se como espaço de uma construção cidadã, visto que na maioria das vezes a comunidade, os demais entes públicos não oportunizam isso aos jovens dessa contemporaneidade tão pós-moderna e globalizada, tão instantânea em termos de informações e formação que a sociedade pode receber.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833-27841.

_____. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Seção 1, p. 1-5.

DAY, N. **Violence in schools – learning in fear**. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers, 1996.

GUIMARÃES, Á. M. **Escola e violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar**. 1984. 294 f. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC Campinas, Campinas, 1984.

_____. Vigilância – punição e depredação escolar. **Educação & Filosofia**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 69-75, jan./jun. 1987.

OLIVEIRA, F. A. S. de; CAMILLO, M. R. da S. **A depredação em uma instituição escolar de Cruzeiro do Sul denominada ABC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2009.

SOUZA, D. de. **Preservação do ambiente: uma ação de cidadania**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2003.

_____. **A escola e a defesa do patrimônio**. Disponível em: <<http://caosnaeducacao.blogspot.com.br>>. Acesso em 27 de abr. 2011.

TIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, 1985.